PESQUISAS FEITAS POR SAHIL AGUARDO VOSSAS PESQUISAS PARA EU COMECAR A ORGANIZAR INDICE DE FIGURA E INDICE AUTOMATICO CONCLUSAO INTRODUCAO E BIBLIOGRAFIA E SO FALTA EU PESQUISAR CONSTRUTIVISMO (MANDEM VOSSAS BIBLIOGRAFIAS KEILA SAHIL E MAIRA VOS AGUARDO)

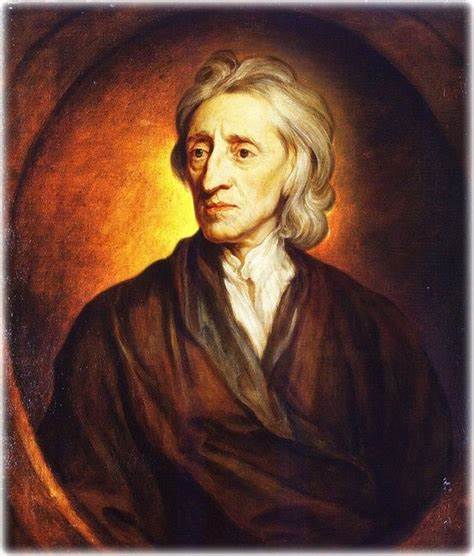
**A origem do conhecimento**

Já estudamos a distinção entre conhecimento *a priori* e conhecimento *a posteriori.* Vamos agora estudar algumas correntes filosóficas que nos ajudarão a enquadrar cada uma destas formas de conhecimento. Para tal, comecemos por supor que havia um Deus que criava um mundo onde 2 + 2 =5 e onde A != A. Seria possível pôr em dúvida esses conhecimentos? Será que a nossa mente pode funcionae com regras matemáticas e princípios lógicos diferentes daqueles a que todos obedecemos? Ou serão esses conhecimentos universais, em qualquer mundo possível? E, se forem, será que se adquirem, ou, pelo contrário, já nascem conosco?

Qual é, de facto, a origem do conhecimento? Será que todo o nosso conhecimento provém da experiência e dos sentidos? Ou será que provém também da razão/entendimento? Ou procederá de ambas estas fontes, mas é mais verdadeiro numa do que noutra? Ou será que só se pode falar em conhecimento quando estas duas faculdades se articulam uma com a outra? O **racionalismo**, o **empirismo**, o **intelectualismo** e o **construtivismo** dão respostas diferentes a estas questões. Analisemos cada uma destas perspectivas.

**Empirismo**

Se o racionalismo admite a exitência de um conjunto de ideias anteriores á experiência (*a priori*), o empirismo é uma teoria segundo a qual todo o nosso conhecimento provém da

**experiência**. Deste modo, o conhecimento, no verdadeiro sentido do termo, é sempre *a posteriori.* Mesmo os conhecimentos matemáticos acabam por depender, em última instância, da experiência.

Assim, segundo a corrente empirista, **não existem ideias, conhecimentos ou princípios inatos**. O entendimento assemelha-se a uma página em branco onde, antes de qualquer experiência, nada se encontra escrito.

Pode-se, por isso, definir o empirismo como sendo a teoria filósofica que, opondo-se ao racionalismo, nega a existência de conhecimentos inatos, afirmando que todo o conhecimento humano deriva da experiência.

**[] 1 John Locke (1632-1704)**

Esta perspectiva foi defendida por John Locke no seu *Ensaio Sobre o Entendimento Humano*.

As ideias podem ser **simples** (como *duro, vermelho, frio*) ou **complexas** (como *beleza, Universo, cravo*), derivando estas da combinação daquelas. O conhecimento resultará, portanto, da ligação de ideias simples fornecidas pela experiência.

Uma vez que não existem ideias inatas, importa averiguar a **génese empírica** das ideias, mostrando como as mais complexas e abstractas podem ser decompostas nas mais simples e como estas se associam e combinam para formarem as mais complexas. Ao estudar estes mecanismos de **combinação e associação de ideias**, Locke desenvolve uma análise de nattureza psicológica – **psicologismo**.

A experiência – seja a experiência externa (a sensação), pela qual se captam os objectos exteriores e sensíveis, seja a experiência interna (a **reflexão**), pela qual se captam as operações internas da mente – marca os limites do conhecimento. O conhecimento encontra – se duplamente limitado pela experiência, ao nível da sua:

* Extensão: o entendimento é incapaz de ultrapassar os limites impostos pela experiência, que é a única fonte do conhecimento;\
* Certeza: as certezas de que dispomos referem-se apenas àquilo que se encontra dentro dos limites da experiência.

Dentro do modelo empirista do conhecimento, situa-se também David Hume. Este filósofo considera que a capacidade cognitiva do entendimento humano é limitada, não existindo nenhum fundamento metafísico para o conhecimento.

Para este filósofo, todo o conhecimento deriva da experiência, tendo todas as crenças e ideias uma base empírica, até as mais complexas.

As várias percepções humanas são classificadas por Hume segundo o critério da vivacidade e da força com que são susceptíveis de impressionar o espírito. De acordo com este critério, as percepções que apresentam maior grau de força e vivacidade designam-se **impressões**.

As ideias ou pensamentos são, justamente, as representações das impressões, ou seja, são as imagens enfraquecidas das impressões, nunca alcançando vivacidade e força iguais às destas últimas.

Assim, as **ideias derivam das impressões**. Não só cada ideia deriva de determinada impressão, como não podem existir ideias das quais não tenha havido uma impressão prévia.

As ideias e as impressões são os elementos do conhecimento. Por isso, todo o conhecimento deriva da experiência. É nesta que se encontra o fundamento do conhecimento e não em qualquer realidade supra-sensível.

O empirismo de Hume traduz-se nas eguintes consequências:

* O **fenomenismo:** dado que só conhecemos as percepções, a realidde acaba por se reduzir aos fenómenos, ou seja, àquilo que aparece;
* O **cepticismo:** como a realidade a que temos acesso se reduz as percepções, a crença na existência de algo para lá dos fenómenos carece de fundamento (cepticismo metafísico). A capacidade cognitiva do entendimento humano limita-se ao âmbito do provável.

Podemos agora caracterizar o empirismo com base em três aspectos fundamentais:

* A experiência é a origem de todo o nosso conhecimento;
* Todas as ideias têm uma base empírica, até as mais complexas não existindo ideias inatas;
* O objecto impõe-se ao sujeito.

**Racionalismo**

O racionalismo é uma doutrina filosófica que considera a razão a fonte principal do conhecimento, a fonte do conhecimento verdadeiro. Só através da razão é que se pode encontrar um conhecimento seguro, o qual é a *priori* e totalmente independente da experiência sensível. Tal conhecimento só existe quando é **logicamente necessário** e **universalmente válido**.

Por exemplo, afirmar que é apresentar um conhecimento com essas caracteríticas: é logicamente necessário, porque tem de ser assim, caso contrário entraríamos em contradição, e é universalmente válido, porque é verdadeiro sempre, em toda a parte e para todos os seres humanos.

Daí que o modelo do conhecimento verdadeiro verdadeiro nos seja dado pela **matemática,** que é válida para todos e nos obriga à sua aceitação, sob pena de entrarmos em contradição lógica.

Isto não significa que os racionalistas neguem a existência do conhecimento empírico. Esse conhecimento existe, mas não pode ser considerado totalmente verdadeiro, justamente porque não se conforma à necessidade racional.

A filosofia do Platão representa o exemplo de uma perspectiva racionalista. Como já nos referimos a este autor, vamos rrelembrar os aspectos essenciais da sua filosofia. Platão afirma a existência de dois mundos: o **mundo sensível** (a que acedemos através dos sentidos), mundo aparente e imperfeito, e o **mundo inteligível** (com o qual contactamos através da razão), mundo verdadeiro e perfeito, formado por ideias, das quais as coisas sensíveis participam.

Considerando que a **alma é imortal** e que, nesta vide, se encontra aprisionada no corpo, Platão afirma que nós obtemos o verdadeiro conhecimento numa exitência superior, na qual podemos contemplar as Ideias imutáveis.

Reencarnando, a alma esquece o que aprendeu. Se for bem conduzida, acabará por lembrar todas essas noções. Segundo esta teoria- **teroria da remniniscência-, aprender é recordar**. Sendo assim, as nossas ideias são cópias das verdadeiras Ideias, e à **opinião** (*doxa*), que provém dos sentidos, opõe-se o **verdadeiro saber** (*episteme*), que é obtido pela razão.

Na Idade Moderna, Descartes apresentou igualmente um modelo racionalista para o conhecimento. Atribuindo um grande valor á razão, Descartes procurou também os **fundamentos metafísicos do conhecimento.**

O racionalismo encontra-se assentado nas ideias inatas. Para Descartes, todo tipo de conhecimento que não tivesse uma fonte racional (o conhecimento empírico é um deles, pois baseia-se na experiência prática para adquirir elementos para a constituição das ideias) era duvidoso e poderia ser enganoso. Somente o conhecimento racional, baseado nas ideias inatas e fruto das deduções, era suficientemente claro, distinto e absolutamente verdadeiro.

O processo de raciocínio dedutivo, largamente utilizado pela matemática, era o ponto de partida que Descartes defendia para compor o seu método, e era a única garantia para ter-se um conhecimento unívoco, que em todos os seres humanos causaria os mesmos resultados, evitando o erro. A tradição aristotélica na filosofia, que embasou a educação cartesiana por meio do ensino escolástico jesuíta, levava a uma espécie de relativismo causado por enganos, o que deveria, na ótica cartesiana, ser evitado pelos filósofos.

Para ter-se um conhecimento claro, distinto e verdadeiro, era necessário estabelecer um método. O método cartesiano estava, primeiramente, calçado na dúvida metódica e hiperbólica. Esse processo de dúvida era metódico por ser ordenado, organizado por um método, e hiperbólico porque deveria estender-se a tudo e a todos exageradamente. Surgia aqui o ceticismo moderno que, diferente do ceticismo helênico, não suspendia os juízos do conhecimento por completo e absolutamente, mas por hora, até que se chegasse a um conhecimento seguro. O primeiro passo para isso era a negação do conhecimento empírico e do senso comum.

As regras para o método cartesiano são as seguintes:

Evidência: nunca aceitar como verdadeiro um conhecimento duvidoso, aceitando apenas aqueles conhecimentos claros e distintos, sem possibilidade de erro.

Análise: dividir o problema filosófico que se quer estudar em quantas partes forem possíveis, pois assim a sua compreensão e resolução são facilitadas.

Síntese: após a divisão, sempre começar resolvendo os problemas menores e menos complexos, pois a junção da resolução das partes menores pode resultar na resolução de um problema mais complexo.

Enumeração: enumerar todas as partes, pois assim se tem uma maior facilidade de organização. Também faz parte dessa regra a necessidade de revisão de cada parte após a sua conclusão.

→ Cogito

A dúvida metódica e hiperbólica de Descartes fê-lo alcançar o que ele diz ser o primeiro conhecimento seguro por meio da dedução: o cogito. A seguir, descrevemos o passo a passo percorrido pelo filósofo para chegar-se ao cogito:

1. Eu devo duvidar de tudo para atingir um conhecimento verdadeiro;
2. Ao duvidar de tudo, duvido da minha existência;
3. Ao duvidar, eu estou pensando;
4. Se penso, logo eu existo.

**Inteletualismo**

Uma outra doutrina filoofica associada ao problema da origem do conhecimento é o intelectualismo. Comecemos por ver as principais características desta doutrina.

Este texto começa por chamar a nossa atenção para diversos sentidos do conceito de *intelectualismo*. Sublinha também a oposição entre, por um lado, o intelectualismo e, por outro, o empirismo, o voluntarismo e o emotivismo.

Para os intelectualistas, **o entendimento, a inteligência ou a razão são as faculdades essenciais do conhecimento**. Por conseguinte, no que se refere à origem do conhecimento, o intelectualismo é, em certa medida, sinónimo de racionalismo; mas nem sempre os dois termos se equivalem.

O texto alerta-nos ainda para o facto de o intelectualismo poder ser também poder ser também considerado como a doutrina segundo a qual a relação sujeito-objecto é fundamentalmente de carácter cognoscitivo.

Essa leitura é posta em causa por muitas filosofias contemporâneas, que defendem que a relação do ser humano com o mundo não é apenas, nem fundamentalmente, de natureza teórica e cognoscitiva. Com efeito, independentemente de procurarmos conhecer as coisas de modo rigoroso e objectivo, estabelecemos também com elas uma **relação afectiva, prática, utilitária**. Por conseguinte, o conhecimento não é um acto efectuado por um sujeito no estado puro que aprenende um objecto no estado puro.

O texto chama-nos a atenção para o carácter comprometido do conhecimento. Ou seja, não existe de um lado o sujeito abstracto e, do outro, uma realidade que ele irá conhecer objectivamente. O sujeito interage com a realidade e é desse processo que o conhecimento emerge. **Representar**  o objecto é também, em certa medida, **construir** o objecto.